

A interdisciplinaridade é possível?

J.A. Guilhon Albuquerque
USP

A questão da interdisciplinaridade em Ciências Sociais pode ser abordada em três planos diferentes de análise: no plano da natureza do objeto e da prática científica em geral, no que diz respeito ao leito comum das Ciências Sociais, e no que concerne à cooperação entre cientistas. Em todos esses planos os argumentos se embolam, e subsistem equívocos que é preciso esclarecer antes de avançar um novo olhar sobre a questão.

Uma das mais velhas e arraigadas noções de interdisciplinaridade é que pressupõe uma espécie de independência ontológica do objeto científico. É preciso desenvolver a interdisciplinaridade porque o objeto "subsiste" fora da prática científica, e, à especificidade das disciplinas, corresponde uma especificidade das "partes" que as ciências conhecem do objeto. Como não há ciência universal, a única maneira de se apoderar do objeto "real" seria multiplicar os enfoques específicos, o que permitiria somar os conhecimentos independentes proporcionados por cada disciplina científica.

Desse empirismo do objeto faz parte também a noção de conhecimento aproximado. Os restos a conhecer do objeto real não proviriam, como no primeiro caso, da especificidade do enfoque, mas de uma espécie de defasagem congênita existente entre o mundo das idéias e o mundo real: o conceito não teria natureza diversa da coisa, mas seria dotado de uma espécie de indigência inata que não lhe permite apreender o objeto material em sua totalidade. A esperança depositada na interdisciplinaridade, neste caso, é de

que, somando-se os conceitos de diversas disciplinas, quem sabe não se diminuiria a distância, obtendo-se aproximação maior?

Ainda no que diz respeito à natureza do objeto e da prática científica, pode-se cair na concepção inversa: o empirismo do sujeito justifica uma versão do conhecimento na qual o caráter científico é garantido por regras puramente formais, naturalmente racionais, ou convencionalmente coerentes. Nesse caso, a interdisciplinaridade constitui uma garantia a mais contra as insuficiências da razão individual ou contra a estreiteza das convenções.

Não vou perder nosso tempo refutando a utilidade da interdisciplinaridade de acordo com tais argumentos. ~~Em~~ primeiro lugar, porque não vemos como uma soma de insuficiências e desconhecimentos resultaria num conhecimento mais suficiente e não, como parece mais provável, num desconhecimento maior. Em segundo lugar, porque, se bastasse acumular conhecimentos de disciplinas independentes para aumentar o conhecimento, não haveria interdisciplinaridade, mas uma pura e simples supressão dos limites entre ciências.

O segundo plano de argumentação diz respeito ao leito comum das ciências sociais que, por si só, justificaria a interdisciplinaridade como uma espécie de elogio do incesto ou, talvez, como consagração dessa endogamia tão comum em nossos meios científicos. Examinemos melhor o argumento.

O pressuposto principal neste caso é o de que as discipli-

nas Ciências Sociais constituem, na verdade, subespecialidades de uma única ciência, dotada de unidade de objeto, de método de referencial teórico. Em vez de especificidade das disciplinas, teríamos uma espécie de divisão do trabalho, cada qual se ocupando de um pedaço da realidade: a sociedade, o Estado, a cultura. Quando se inclui a história, pode-se pensar que é qualquer desses pedaços, desde que se faça alusão à duração. Quando se inclui a psicologia social, pensa-se naquela parte dos comportamentos que não é exclusivamente determinada pela condição social, nem pela cultura, mas pela história do indivíduo.

Para dizer a verdade, uma tal noção institui uma espécie de resguardo contra a interdisciplinaridade, porque já estando perfeitamente delimitados os setores da realidade, a multiplicidade de enfoques só se justificaria em dois casos excepcionais. Ou naqueles processos e objetos que se situam nas fronteiras, a cavaleiro dos setores reais em que se divide realmente o mundo real, ou naqueles objetos e processos incertos e não sabidos que, por prudência, conviria não alocar a este ou àquele terreno mais sólido do social.

De fato, o leito comum das Ciências Sociais não é o da comunidade real do mundo real, mas o da comum percepção da mudança como objeto e princípio de pertinência do conhecimento da realidade social. Desse ponto de vista, as ciências sociais somente são possíveis quando se torna aceitável enunciar um discurso que explicita a percepção da sociedade, do poder e da cultura como

produções auto-engendradas, e independentes de qualquer garantia meta-social da ordem social, da ordem política e da ordem simbólica.

O discurso das Ciências Sociais estabelece uma ligação entre a mudança percebida - o que muda? por que muda? como controlar a mudança - nos processos sociais (e nas instituições políticas e produções culturais), e a percepção da ^{relação que é estabelecida} mudança, através de relações sociais, de relações de poder e de relações de trocas simbólicas.

O que vem a ser, nesse contexto, a interdisciplinaridade? Não é certamente o incesto entre filhos - aliás, filhas - do mesmo leite. A meu ver ela não se distingue da questão colocada pela interdisciplinaridade em qualquer outro ramo do conhecimento científico. Pois, a rigor, a percepção de invariantes na mudança e a regra de imanência de objetos e métodos de conhecimento - ou seja, a regra segundo a qual fenômenos físicos são explicados por processos físicos, qualquer que seja o sentido geral de explicação adotado - é comum ao conhecimento científico em geral.

Portanto, se admitirmos que as Ciências Sociais são disciplinas específicas, com objeto e método autônomos, e não mera fragmentação mais ou menos oportunística de áreas institucionais, a interdisciplinaridade nas Ciências Sociais coloca as mesmas questões, e deveria resolver os mesmos problemas e obedecer aos mesmos limites, que a interdisciplinaridade envolvendo, digamos, a sociologia e a bioquímica, no terreno da engenharia genética. Ela não

será, portanto, uma ação entre amigos, mas envolve as mesmas articulações complexas que precisam ser consideradas na prática conjunta de dois ou mais objetos distintos de análise através de enfoques analíticos igualmente distintos.

A interdisciplinaridade nas Ciências Sociais não pode resumir-se a mero ~~importação~~ ^{transplante} de conceitos, perspectivas ou problemas de uma disciplina em outra. Não pode, por exemplo, incluir a idéia de cultura política simplesmente para dar contas de problemas mal resolvidos de singularidades nos processos políticos concretos. Também não pode reduzir-se à introdução da noção de poder nos estudos de sociologia organizacional ou de psicologia institucional. Tampouco pode bastar-se na alusão a condições sócio-econômicas de difusão de hábitos de mesa, ou o que seja.

A interdisciplinaridade em Ciências Sociais suporia, como no que diz respeito a outras ciências, uma terra de ninguém, um entre-disciplinas que na verdade corresponderia a uma espécie de miscigenação. Existe importação de conceitos, namoros mais ou menos adúlteros entre perspectivas teóricas e, às vezes, franca adulteração de categorias analíticas mal digeridas. Em suma, uma espécie de mútua sedução heurística entre as Ciências Sociais, que aliás fica muito aquém dos fascínios e verdadeiras paixões que desabrocham (e cedo fenecem) entre as Ciências Sociais e as demais (Santo de casa não faz milagre - ou, melhor, Santa de casa não incita ao sacrilégio). Trata-se, sempre, de reinterpretações quando o transplante é bem sucedido, pois senão o paciente fica

sujeito a rejeições.

As experiências interdisciplinares bem sucedidas se fazem, na verdade, por multidisciplinaridade, e sempre passam pela colaboração entre cientistas, e não pela conjunção de ciências - o que, aliás, seria difícil entender o que poderia representar. Os casos mais comuns são aqueles em que a unidade do conhecimento que resulta da colaboração multidisciplinar não advém de dentro, mas de fora das disciplinas. Refiro-me aos estudos feitos para resolver problemas práticos, que lançam mão de profissionais com formações diversas em disciplinas específicas, em que a unidade dos estudos é dada pela unidade de percepção do problema, ou mesmo pela unidade administrativa que organiza ou suscita os estudos, e não pela unidade de teorias, nem de conceitos, nem muito menos de objeto.

A multidisciplinaridade costuma resultar em estudos diversos, com objetos e métodos diversos que, por sua diversidade, transmitem ao usuário a convicção de um domínio mais completo ou mais complexo do problema. Para ser mais preciso, a unidade não vem a ser um conhecimento unificado mais completo, mas uma unidade de problema, o que implica uma convicção de maior domínio sobre a definição do problema. Maior domínio sobre o problema, e não conhecimento mais completo.

Essa multidisciplinaridade administrativa e prática pode ocorrer também na colaboração livre e desinteressada entre cientistas (com perdão da má palavra) puros na pesquisa de base? Creio

que nada impede, a não ser tudo. Isto é, a índole do cientista dito puro e as práticas de pesquisa de base parecem ir de encontro a esse tipo de multidisciplinaridade, porque os problemas de pesquisa nesse ~~caso~~ ^{particular} parecem ser comandados pela lógica de cada disciplina (e, ao que dizem, pela fantasia do pesquisador, o que põe em dúvida) e dependem, em todo caso, da unidade de enfoque fornecida pela especificidade do objeto e do método.

Para deixar margem à multidisciplinaridade seria preciso que os pesquisadores se pusessem de acordo sobre a definição do problema, o qual deveria ter unidade própria, não derivada de cada uma das disciplinas em pauta. Ora, essa unidade só pode ser prática.

Por isso vejo com dificuldade os casos em que se poderia falar com rigor em multidisciplinaridade - desde logo excluindo a interdisciplinaridade em decorrência dos argumentos apresentados ao longo desta exposição. Ela teria que ser prática e administrativa, ^{apartado} precisaria de um problema que se impusesse de fora ou fosse imposto.

Outro caso seria o da multidisciplinaridade numa só pessoa. Existem inúmeros casos em que pessoas com formações múltiplas em ~~pregam~~ ^{pregam} seus conhecimentos de fontes diversas em hábeis combinações. Tudo bem considerado, trata-se de ilustrações brilhantes de uma disciplina, agregadas às demonstrações rigorosas de outra, que em geral funcionam bem, mas ajudam muito na convicção e pouco no rigor; ou, então, são uma mixórdia, sem rima nem razão.

Devo concluir. Creio que a multidisciplinaridade, mesmo em Ciências Sociais, é um caso de colaboração - ou falta de - entre cientistas sociais. Daí, precisamente, sua dificuldade.